



Ensino & Pesquisa

Ensino & Pesquisa magazine is an interdisciplinary journal of the State University of Paraná (UNESPAR), Center for Humanities and Education. Its objective is to publish scientific articles focused on undergraduate and teacher education. Quadrennial Classification 2013-2016 - Teaching B1. (Preprints Policy-AUTHOREA Platform) ISSN: 2359-4381 <https://doi.org/10.33871/23594381.2020.18.3.136-149>

Judeus na literatura amazônica: sugestões metodológicas em tempos de pandemia

Silvia Helena Benchimol-Barros, Professora Adjunto da Faculdade de Línguas Estrangeiras da UFPa - Bragança (FALEST), Mestre em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal do Pará e Doutora em Tradução e Terminologia pelas Universidade de Aveiro (UA) e Nova de Lisboa (UNL) – Portugal, Professora do Programa de Pós Graduação Stricto Sensu Linguagens e Saberes na Amazônia PPLSA, silviabenchimol@hotmail.com

Alessandra Fabrícia Conde da Silva, Mestre em Estudos Literários pela Universidade Federal do Espírito Santo, Doutora em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás (UFGO), Professora adjunta da Universidade Federal do Pará (UFPA), afcs77@hotmail.com

Sérgio Wellington Freire Chaves, Professor Assistente de Teoria Literária da Universidade Federal do Pará (UFPA), Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), sergiofreire13@yahoo.com.br

Resumo: O presente estudo insere-se no domínio teórico do ensino-aprendizagem e pretende, por meio de um relato de experiência atrelado às ações do Projeto de Pesquisa *Ecos Sefarditas: judeus na Amazônia*, descrever experiências exitosas desenvolvidas remotamente sobre o ensino de literatura em período *suigeneris* de isolamento social. Ato contínuo, o estudo faz proposições ampliadas a partir das experiências realizadas que se adequam a outros segmentos e contextos educacionais. Recorre-se à tecnologia e seus recursos de considerável alcance e versatilidade para a execução dos objetivos propostos por uma metodologia qualitativa e descritiva, a qual promove reflexões sobre sistematização de práticas e propõe possibilidades viáveis de interação remota de finalidade educacional. Como referenciais teóricos basilares estão Candido (1972), Rezende (2013), Rocha (2020), Todorov (2019) entre outros.

Palavras-chave: Ensino de Literatura, Mediação tecnológica; Projeto de pesquisa.

Abstract: The present study integrates the theoretical teaching-learning domain and aims, through a research report stemming from the actions of the Project, *EcosSefarditas: judeusna Amazônia* to describe successful experiences developed remotely on the teaching of literature during a *suigeneris* period of social isolation. Sequentially, the study makes expanded propositions based on the experiences carried out, which may be suitable for other segments and educational contexts. Technology and its resources of considerable scope and versatility are used to implement the objectives, proposed by a qualitative and descriptive methodology, which promotes reflections on the systematization of practices and proposes viable possibilities of remote interaction for educational purposes. As basic theoretical references are Candido (1972), Rezende (2013), Rocha (2020), Todorov (2019) among others.

Key words: Literature teaching, Technological mediation; Research project.

1. Contextualização e proposições deste estudo

É verídico que a apreensão alargada e adequada dos contextos educacionais por parte de docentes e gestores é fator decisivo para o sucesso do processo de ensino-aprendizagem, a despeito de metodologia, enfoque ou objeto. Quando referimos o termo ‘contextos educacionais’, abraçamos uma gama diversificada de agentes e fatores espaço-temporais e seus balizadores político-administrativos e culturais, os quais estão implicados de forma incontroversa nas ações pedagógicas. Isto posto, é ponto consensual que a leitura de contexto por parte dos agentes educadores precede a seleção de metodologias e estratégias a serem adotadas.

Este estudo situa-se temporalmente em momento de enfrentamento de uma pandemia sem precedentes, que assola a humanidade em proporções planetárias e de forma súbita e letal. Forçosamente, tal circunstância se reflete em todos os aspectos do comportamento humano e seus processos de interação com a realidade social e entorno geográfico, onde se inclui a Educação.

O espaço onde se desenvolve esta pesquisa é igualmente fundamental às considerações, por alguma de suas especificidades limitantes, por exemplo, no sentido de acesso à banda larga – capacidade de recepção e transmissão – o que certamente interfere nas possibilidades de emprego de alguns recursos tecnológicos e na ecologia das comunicações (SILVA, 2005) que permeiam os processos de ensino-aprendizagem. Outrossim, relevam-se ainda as circunstâncias político-institucionais expressas em resoluções da Universidade Federal do Pará, que, ainda que adotando as medidas de isolamento e suspensão de atividades presenciais, admite a possibilidade de atividades com estratégias de contato remoto e consequente resgate do vínculo com as atividades pedagógicas de forma sistematizada e supervisionada.

É em meio a este cenário, que o projeto de pesquisa “Ecos Sefarditas: judeus na Amazônia” – PROPESP / UFPA passa a utilizar uma sequência de procedimentos metodológicos com vistas a manter vibrante e produtiva a atividade de pesquisa, a qual se atrela ao ensino e centra-se na elaboração de artigos dos bolsistas e docentes vinculados.

Neste sentido, este texto parte do relato destas experiências, com reflexões qualitativas sobre seus impactos e, prossegue com uma proposta de intervenção que amplia possibilidades de aplicação do teletrabalho (ROCHA; AMADOR, 2017) de ensino da Literatura em contextos outros, nomeadamente, o Ensino Médio. Para o desenvolvimento deste artigo, trilhamos por aspectos do ensino de Literatura no Brasil e no período de pandemia. Em sequência, traçamos o perfil do projeto supracitado, incluindo exemplificações de atividades condizentes à realidade circunstancial de isolamento social, para então, fazermos a proposição de estratégias mais globalizantes que diversificam ações e potencializam a ação educativa com o suporte de recursos tecnológicos compatíveis. Por fim, fazemos as considerações finais.

2. Literatura e seu ensino no Brasil

Parece-nos cada vez mais comprovável, que o ensino de literatura pautado pelo biografismo dos escritores, historicismo de seus períodos literários (periodização) e sínteses das obras canônicas, pouco ou quase nada, efetivamente, contribuem na formação e transformação do ser humano; isso porque, para que tenhamos a plena formação (momento analítico ou científico) e transformação (momento crítico) defendida por Candido (1972) referente ao estudo literário, é necessário o contato direto com a obra literária, ou seja, sua leitura.

Há no estudo da obra literária um momento analítico, se quiserem, de cunho científico, que precisa deixar em suspenso problemas relativos ao autor, ao valor, à atuação psíquica e social, a fim de reforçar uma concentração necessária na obra como objeto de conhecimento; e há um momento crítico, que indaga sobre a validade da obra e sua função como síntese e projeção da experiência humana (CANDIDO, 1972, p. 80).

O estudo enunciado por Candido (1972) parte da leitura do tecido literário; que, entretanto, não propõe a convencional leitura funcional, e sim, “um ato de ler” integral, no qual o leitor apropria-se afetivamente do conhecimento literário, permitindo que dele fruam as experiências emotivas que a plena leitura literária propõe, seja ela uma apreciação poética ou de prosa, mas que essencialmente fomente certa fruição. Em consonância, Bakhtin, conforme citado por Kristeva (1986) defende que toda a produção artística, onde se inclui a literatura, é idealmente um diálogo oriundo da interseção de vários planos

textuais: o do escritor, o do leitor, do contexto cultural e histórico em que se processa o ato da leitura (KRISTEVA, 1986, p. 36).

Esta proposta que se pauta nos efeitos estéticos do texto literário sobre o seu leitor-receptor, nos remete aos princípios da estética da recepção (JAUSS, 1979) dentre os quais se destaca o caráter movediço do texto, uma dinâmica construída na relação da obra literária com seu leitor a cada leitura, em cada novo momento, pressupondo uma contínua reatualização do texto.

É por meio dessa leitura do literário que a literatura se torna indispensável ao ser humano, um bem inalienável, instrumento pelo qual o homem reflete sobre si mesmo e a vida gregária, presumindo uma sociedade mais justa, na qual os direitos humanos sejam preservados. Nesse sentido, compreendendo ainda que a ninguém é dada a possibilidade de viver sem a fabulação, por menor que seja ela – uma telenovela, um filme, uma leitura de narrativa ficcional, um devaneio sobre um mundo imaginário ou, até mesmo, um sonho por meio do subconsciente – a literatura, e seu ensino, nos é entendido como um direito inalienável à toda sociedade (CANDIDO, 1995).

Daí seguirmos, comprometidamente, com a defesa pela mudança de foco no ensino literário, ao custo, se necessário, de uma reestruturação do ensino nacional; defendendo um outro olhar (não tão novo assim, haja vista que desde os formalistas russos, o formato atual de ensino de literatura tem sido criticado, reivindicando o letramento literário) para o ensino literário pautado na leitura da obra literária e de seu letramento. Efetivamente, “trata-se de um deslocamento considerável ir do ensino de literatura para a leitura literária, uma vez que o primeiro se concentra no polo do professor e o segundo, no polo do aluno” (REZENDE, 2013, p.106).

Todorov em sua obra *A literatura em perigo* (2009) nos afirma não ter dúvida sobre o fato de que o ensino de literatura concentrado nos textos literários iria ao encontro dos anseios do ensino de literatura. Mas também nos alerta que esse absurdo do ensino de literatura pautado no biografismo de escritores e historicismo, ao qual a literatura é reduzida, agita questões que vão além dos muros da escola, chegando ao mercado editorial, à política educacional, legislatura e mais. Estejam nesse arcabouço, talvez, as maiores dificuldades de novas metodologias voltadas ao ensino literário, já que a escola (alunos e professores) beneficiar-se-ia muito mais com as novas propostas, não nos sendo possível

compreender, assim, esses sujeitos como opositores. Rezende (2013) arremata a questão, conjecturando:

Talvez um dos maiores problemas da leitura literária na escola – que vejo, insisto, como possibilidades – não se encontre na resistência dos alunos à leitura, mas na falta de espaço-tempo na escola para esse conteúdo que insere fruição, reflexão e elaboração, ou seja, uma perspectiva de formação não prevista no currículo, não cabível no ritmo da cultura escolar, contemporaneamente aparentada ao ritmo veloz da cultura de massa (REZENDE, 2013, p. 111).

Nos é forçoso entender quais os caminhos percorridos pelo ensino da literatura para que o afastamento do texto literário, por si mesmo, tenha ocorrido em algum momento da história da educação em prol do ensino de textos que versam sobre literatura. A escola desconsidera a leitura literária propriamente e privilegia atividades de metaleitura (estudo de textos que discutem sobre o texto literário), ainda que a leitura do texto literário não tenha ocorrido. Apesar disso, ao revés e contra quase toda a prática, Todorov (2009) nos afirma não ter dúvida que o ensino de literatura concentrado nos textos literários iria ao encontro dos anseios desse ensino. Nesse sentido, acordados com Todorov (2009) e tantos outros pensadores da teoria literária, nosso objetivo maior nesse texto-proposta é fomentar uma metodologia mais coerente em prol da literatura, ou seja, do contato direto com o texto artístico, promovendo o letramento literário.

Pelo todo já aqui enunciado, aliado à compreensão do forte poder intertextual da literatura, parece-nos não somente imperioso, mas irresponsável e violatório, desmerecer e desconsiderar a arte literária, renegando-a e elegendo-a tantas vezes como uma disciplina menor nos desenhos curriculares das escolas, oferecendo-a tempo inábil à sua função formadora e transformadora, no calendário letivo e conferindo-lhe ação educativa inepta, diante uma sociedade cada vez menos humanizadora. Refere Roland Barthes em *Aula* (2013):

A literatura assume muitos saberes (...). Se, por não sei que excesso de socialismo ou de barbárie, todas as nossas disciplinas devessem ser expulsas do ensino, exceto uma, é a disciplina literária que devia ser salva, pois todas as ciências estão presentes no monumento literário (...) a literatura, quaisquer que sejam as escolas em nome das quais declara, é absolutamente, categoricamente realista: ela é a realidade, isto é, o próprio fulgor do real (...) a literatura trabalha nos interstícios da ciência: está sempre atrasada ou adiantada com relação a esta, semelhante à pedra de Bolonha, que irradia de noite o que aprovisionou durante o dia, e, por esse fulgor indireto, ilumina o novo dia que chega (...) a literatura não diz que sabe alguma coisa, mas que sabe *de* alguma coisa; ou melhor; que

ela sabe algo das coisas – que sabe muito sobre os homens (BARTHES, 2013, p. 19-20).

Por fim, após todo o exposto, e considerando a magnitude do caráter formador-transformador, humanizador e intertextual – inequívoco monumento literário – realmente cremos, cada vez mais, que a literatura tem muito a oferecer. Assim, pensando no seu efetivo ensino, com vistas a proporcionarmos verdadeiramente o que denominamos de letramento literário, a plena leitura daquilo que seria literatura – o que requer determinadas metodologias, ações e estágios – propomos nesse texto, como objetivo nuclear, uma metodologia possível, viável e condizente com o pensamento exposto acerca do ensino de literatura; sobremaneira, em consideração ao momento sócio histórico atual, marcado pelo distanciamento e propício à reformulações metodológicas – os tempos de pandemia.

3. O ensino de literatura em tempos de pandemia

No último dia do ano de 2019 surge, de acordo com relatos divulgados acerca de sua origem, no mercado de frutos do mar da cidade de Wuhan, localizada na China, as primeiras ocorrências de casos do coronavírus (Covid-19), aumentando de maneira exponencial o número de infectados logo nas primeiras semanas em todo o mundo.

Desde então, a população brasileira – aliando-se a praticamente atodo o mundo – vive às voltas com confinamentos que, até então, eram medidas alheias e distantes de nosso cotidiano e hábitos identitário-culturais. Diante à crise sanitária devastadora que mata em percentuais assustadores, o crescente número de infectados e a saturação do sistema de saúde, dentre outros motivos, governos municipais e estaduais decretaram (decretam) quarentena comunitária local evoluindo para a drasticidade do *lockdown* –severo confinamento.

Reflexos da severa pandemia têm afetado a vida das pessoas de forma contundente, transformando seus hábitos e provocando a necessidade de reformulações de padrões de trabalho, convivência familiar, conciliação de tarefas muito distintas em espaços comuns além de evidenciarem outras consequências de natureza psicológica, como ansiedade,

pânico e depressão, reafirmando a necessidade do convívio social e da interação para a saúde mental e equilíbrio dos seres humanos.

Nesse contexto, a escola, que é espaço social de aprendizagem, mantém-se fechada e provoca aos educadores e gestores, o exercício de repensar metodologias que resgatem o contato dos alunos com seus programas de aprendizagem, fomentando, ainda que remotamente, as trocas e entregas de ideias, conteúdos, afetividades. Neste sentido, a tecnologia desponta como ferramenta de grande projeção para que se leve à cabo este empreendimento desafiador, didática e operacionalmente.

Não trataremos aqui das peculiaridades envolvidas na educação à distância, que são muitas e interligam questões sociais, culturais, econômicas, tecnológicas e geográficas, as quais distinguem-se de forma significativa da prática de teletrabalho. Pensar a EaD como o simples contato remoto, tal qual vem sendo praticado por muitos docentes, como medida emergencial e sem o necessário *expertise* das equipes interdisciplinares e do planejamento necessário, é banalizá-la irracionalmente e reduzi-la de forma incongruente.

Em sentido global, nos propusemos neste estudo a refletir sobre o empenho de docentes, em iniciativa individual ou colaborativa, com vistas a criar mecanismos para que o processo educacional não sofra também, e em sua dimensão particular, o *lockdown* pandêmico. Ressalte-se que as especificidades contextuais e as diretrizes institucionais, constituem balizadores determinantes destas iniciativas. E isto posto, delimitamos os objetivos deste trabalho na proposição de uma metodologia ao letramento literário em tempos pandêmicos. E consideramos registrar aspectos da lacuna discursória acerca dessas averiguações inseridos na vertente de pesquisa pedagógica, no intuito de, assim, fomentar mais estudos na área.

Com estas realidades expostas, como ensinar literatura? Apresentaremos aqui, dentre muitas possibilidades, o ensino literário por meio de temáticas. Exemplificaremos a metodologia que selecionamos privilegiando o tema “Judeus na Literatura Amazônica”, por cremos ser tal temática, urgente e necessária para fins de conhecimento histórico (social, cultural e religioso) regional, pela valorização de minorias silenciadas ao longo do tempo e pela possibilidade de ampliação do cânone literário local e nacional, merecidamente, diante a qualidade literária das obras que apresentam supracitada temática.

4. Judeus na Literatura Amazônica: redescobrimto por meio de projeto de pesquisa

O projeto de pesquisa “Ecos sefarditas: judeus na Amazônia” iniciou as atividades em agosto de 2018. Nesses quase dois anos de pesquisa sobre a literatura produzida por escritores de origem sefardita na Amazônia, foram desenvolvidos, pelos professores coordenadores¹ e discentes, artigos publicados em periódicos, o livro *Ecos sefarditas: judeus na Amazônia*² e Trabalhos de Conclusão de Curso. Uma vez que uma das propostas do projeto é promover a publicização das obras dos escritores sefarditas como Sultana Levy Rosenblatt, Paulo Jacob, Marcos Serruya, Leão Pacífico Esaguy, Elias Salgado, Mady Benoliel Benzecry e Ilko Minev, procuramos, a princípio, veicular algumas minibiografias (vida e obra) dos referidos escritores em uma página do *Facebook*, resumidamente, buscando fomentar, assim, a leitura de suas obras, com passagens e recortes das mesmas. A elaboração desta página³ conduziu-nos a produzir mais materiais informativos e de cunho didático. Foram criadas seções informativas com o intuito de responder algumas demandas que se fizeram prementes e pertinentes:

- 1- O que é o projeto de pesquisa *Ecos sefarditas: judeus na Amazônia*?
- 2- Quem são os judeus sefarditas?
- 3- Como se deu a presença judaica na Amazônia?
- 4- Quem são os escritores sefarditas nascidos ou radicados na Amazônia, o que produziram e sobre o que eles falam?

Tais demandas foram sanadas com a publicação de vídeos documentários (encontrados no *youtube*) e pequenas postagens, tendo como parâmetro, a fortuna crítica utilizada no projeto, como por exemplo, comentários sobre uma obra de grande importância para o referido estudo. Neste processo, docentes e discentes interagem com a mídia, sugerindo recurso audiovisuais (documentários e filmes) ou acrescentando pequenas minibiografias dos escritores e vídeos produzidos pelos escritores Ilko Minev e Elias Salgado ou pela família de outros escritores (já ausentes), como é o caso do Marcos

¹ O referido projeto é coordenado pelas professoras Alessandra Conde e Silvia Benchimol.

² *Ecos Sefarditas: Judeus na Amazônia* é uma coletânea de artigos e ensaios, inédita em seu gênero em todo o mundo, sobre livros publicados por autores sefarditas da Amazônia. Ele é resultante de uma parceria entre o NESA – Núcleo de Estudos Sefarditas da Amazônia, da UFPA e a Editora Talu Cultural, selo Amazônia Judaica.

³ Esta página do *Facebook* pode ser encontrada no seguinte endereço eletrônico:

<https://www.facebook.com/pages/category/Society---Culture-Website/Projeto-Ecos-Sefarditas-Judeus-na-Amaz%C3%B4nia-102685578104137/>

Serruya, de forma alinhada ao projeto *Ecossistemas sefarditas: judeus na Amazônia*. Trata-se da seção “Escritor por escritor” ou, “Escritor por sua família”. Além disso, foram realizadas postagens sobre artigos, publicados em revistas, produzidos pelos componentes do projeto ou sobre artigos de outros pesquisadores que abordam a temática do projeto ou ao tema judeu. Todas essas produções se dão pós leituras de obras e são produzidas no sentido de fomentar a leitura literária em si.

Alargando o escopo de informações, mas partindo para um viés didático, criou-se uma seção chamada “Histórias da quarentena”. Em tal seção, procurou-se publicar tantos comentários de fontes literárias, artigos, filmes, *graphic novels* etc., quanto crônicas e poesias. Alunos e pesquisadores de várias instituições contribuem com suas produções que versam sobre temática referente ao judaísmo, ou ao judeu, ou a respeito de como a literatura retratou a presença de pandemias em diversas obras. Sobre isso há o texto do professor Dr. Fernando Maués, da UFPA, sobre D. Duarte e a peste ocorrida em Portugal no século XV, conforme vê-se em *Leal conselheiro*. Ou as breves reflexões da coordenadora do projeto sobre o *Decamerom*, e a peste, no século XIV. Outros pesquisadores fizeram crônicas sobre a presença judaica na literatura nacional. O texto do professor Sérgio Freire pode ser tomado exemplarmente com as suas “Notas e rabiscos acerca de traços judaicos na literatura”. Até o momento da produção deste artigo, desde a criação da página em maio de 2020, foram publicadas oito postagens (uma por semana), referentes às “Histórias da quarentena”. Entre os textos, há produções de discentes: poesia e dissertação. A produção textual dos discentes é uma preocupação deste projeto, que não apenas incentiva e proporciona a produção do gênero artigo, em relação às atividades das sete alunas bolsistas, mas estimula a produção de outros gêneros.

Há ainda outras seções que primam pela produção textual dos alunos. A preocupação com a pesquisa e a extensão conduziu-nos a criar a seção “Curiosidades”. Voltada para a produção textual das bolsistas, a seção apresenta assuntos que não são de largo conhecimento do público não especializado, mas que dizem respeito à cultura judaica em geral. As alunas pesquisam um tema referente à cultura judaica e produzem um texto⁴. Alguns dos temas já abordados foram: a incidência de judeus como produtores de histórias em quadrinhos ou em *graphic novels* ou a presença de elementos culturais e linguísticos judaicos na sociedade brasileira. O trato com este tipo de texto requereu maior prática de

⁴ Todas as atividades são encaminhadas para a coordenadora do projeto que aprova os textos.

produção textual e estudo referente a algumas funções da linguagem, sobretudo a referencial ou a conativa. O envolvimento com o “leitor” da página de internet, para quem se dirigem as postagens, lograram produções textuais com teores mais súplices, apelativos (JAKOBSON, 2003), com vistas a informar e a conversar, de modo mais prazeroso, com o leitor sobre os temas tratados. Neste tipo de produção textual o receptor cooptou maior destaque. Frases como “Você sabia que” ou outra construção apelativa procuraram deixar o texto mais fluido, aliciante e convidativo. Além disso, este tipo de atividade demandou maior domínio sobre o assunto e prática de produção de texto. Aristóteles afirma que há coisas que precisam ser aprendidas antes de serem praticadas e experienciadas para serem apreendidas: “Com efeito, as coisas que temos de aprender antes de poder fazê-las, aprendemo-las fazendo” (ARISTÓTELES, 2011, p. 29-30). Assim fazendo, tanto as discentes, quanto o público da página, puderam ter acesso a novas aprendizagens, sobretudo com a linguagem conotativa, típica da literária e apreendida, sobremaneira, por meio do letramento literário.

Acima referimos que um dos objetivos do projeto é a divulgação da literatura feita por escritores de origem sefardita na Amazônia. Sendo um terreno pouco explorado, foi necessário fazer um levantamento das obras e dos autores que satisfizessem a condição de escritores de origem sefardita e amazônicos. A pouca quantidade de trabalhos acadêmicos ou a quase inexistência dos livros desses escritores nas bibliotecas das Universidades Federais mostra o desconhecimento das obras e dos escritores já referenciados. Além do que, os estudos sobre a presença de judeus sefarditas na Amazônia requerem maior aprofundamento e profundidade. Há pouco material produzido a propósito da chegada dos judeus sefarditas que começaram a emigrar do Marrocos a partir de 1810, em busca de melhores oportunidades econômicas e liberdade religiosa. Samuel Benchimol (2008) com *Eretz Amazônia* foi o precursor dos estudos, detalhando com riqueza como se deu o processo migratório para as regiões amazônicas citadinas e interioranas, citando as adaptações e as trocas culturais vivenciadas.

As impossibilidades da divulgação da matéria estudada no projeto, quer em sala de aula quer em eventos acadêmicos, em razão da pandemia, conduziram-nos também a pensar em externar alguns produtos pesquisados por vias midiáticas. Além da Página do

Facebook, foi criado um *site*⁵ para acomodar as atividades do projeto e a divulgação da matéria estudada.

4. Sugestões metodológicas de ensino literário por meio de temáticas em tempos de pandemia

Aqui compreendamos método como caminho. Um procedimento amplo, maior, que seguimos para atingir um objetivo; nesse caso, o letramento literário. E compreendamos estratégias como possibilidades factíveis apresentadas pela sistematização – ou caminho – ou seja, as atividades, minuciosamente e rigorosamente sugeridas, ou, em outras palavras, o coloquialmente convencional “modo de fazer”. É nosso propósito apresentar três estratégias de letramento literário por meio do método temático.

O método do ensino de literatura por meio de temáticas visa reunir variadas produções literárias – de gêneros diversos, períodos vários, autores múltiplos – mas que compartilhem um eixo temático específico; nesse caso exemplificador, “Judeus na Literatura Amazônica”. Assim, é possível, partindo de um tema instigante social-histórico, discutir formas (estilo) e fôrmas (gêneros) artísticas e todas as alusões relacionadas as contínuas relações entre literatura e sociedade; privilegiando, por meio do cerne inspirador aqui selecionado, a sociedade regional, tornando tantas vezes o monumento literário mais próximo à vivência do leitor.

As estratégias aqui elencadas, mas, sobretudo, o método de ensino literário por meio de temáticas, não é algo inédito; muitas são as produções que apresentam tal possibilidade, registre-se aqui o paradigmático potiguar *O semiárido na literatura – a água dá o tom: sugestões de atividades de ensino*, dos professores Humberto Hermenegildo de Araújo e José Luiz Ferreira (2013). De tal modo, reafirmamos o mencionado método, revalidando seu valor e, tantas vezes, reavendo seu alto patamar, considerando sua aplicação sempre exitosa, por meio de variáveis. Também o restauramos, trazendo ao método, o suporte tecnológico que culmina com a internet, renovando-o continuamente. Ressaltemos que todas as estratégias de ensino resultante desse método partem do letramento literário, ou seja, do contato direto com o texto literário (seja pelo suporte

⁵ O endereço eletrônico do site é: <https://afc775.wixsite.com/ecossefarditasjudeus>

gráfico ou digital, aqui em destaque este último, mais acessível e adequado, especialmente durante a pandemia).

4.1. Estratégia 01 -Links de leituras

É possível, numa página de internet, como realizado no projeto aqui evocado, propor um espaço de comparativismo artístico, inserindo passagens de obras literárias, no nosso caso, de cunho judaico, e passagens de filmes (seleção e disponibilização de trechos de obras literárias – poemas, contos, romances – e recortes de produtos cinematográficos – documentários, longa metragens, animações – em plataforma digital específica) para apreciação. Esse comparativismo permite discussões acerca dos gêneros artísticos, bem como fomenta a leitura completa da obra literária e fílmica, uma vez que esta não dispensa aquela. É uma estratégia simples, na qual podem ser inseridas outras leituras, além da literária, oferecendo bases de interpretação, semelhante ao que é realizado, a exemplo, nas redações do ENEM.

4.2. Estratégia 02 – Eu blogueiro

Leitura conjunta de um poema e análise coletiva por meio de chats *online* ou chamadas de vídeo em plataforma digital específica (em aplicativos como o *Zoom* ou *Meet*) e posterior produção, publicação e apreciação digital de charge, figurinhas ou memes crítico-reflexivos sobre a análise poética (uma vez que cada um leitor lê a obra de determinada maneira, como nos assevera os estudos da Estética da Recepção) é caminho lúdico para letrar-se literariamente. Tal atividade já tem ocorrido, em parte, na página do projeto supracitado.

4.3. Estratégia 03 – Histórias da quarentena

Relatos prosaicos sobre leituras literárias realizadas durante determinado período (no nosso caso, o pandêmico) acerca do tema proposto (Judeus na Literatura Amazônica, ou cultura e história judaica), promovendo certa “conversação”, mostra-se como estratégia eficaz para apresentar e fomentar o letramento literário. Esses relatos devem ser expostos

em páginas específicas, na internet, a fim de promover discussões e suscitar questionamentos. Os relatos podem ser veiculados por meio de vídeos caseiros ou textos dissertativos.

Considerações Finais

As considerações aqui tecidas nos levam a uma reflexão profunda sobre a efetividade das metodologias empregadas no ensino-aprendizagem da disciplina Literatura, sobre redimensionamentos de estratégias e sobre a mobilização de docentes e discentes em prol da construção de novos caminhos que relevem o momento sócio-histórico, o qual reveste o processo educacional de peculiaridades contextuais e temporais.

Emerge como fator de fomento à formação, à investigação e à iniciação científica o desenvolvimento de projetos de pesquisa como o que descrevemos, os quais corroboram a formação de uma rede colaborativa cuja produção orbita em torno de um eixo temático inspirador e reverbera por caminhos nem sempre planejados ou previstos desde sua concepção. No caso do *Projeto Ecos Sefarditas: judeus na Amazônia*, os desdobramentos foram ganhando dimensões mais ricas e ampliadas, a medida em que evoluiu a pesquisa e acirraram-se a curiosidade e os interesses a respeito da temática central proposta – o judaísmo na Amazônia.

Sob outra perspectiva, cabe salientar que o momento pandêmico ampliou a importância da mediação tecnológica na implementação de estratégias de aproximação humana, viabilizando o desenvolvimento dos propósitos do projeto e permitindo maior visibilidade e compartilhamento dos insumos e produtos da pesquisa por meio das plataformas digitais.

As estratégias descritas neste artigo são recursos propositivos que se alinham com as tendências contemporâneas de aprendizagem e acesso à informação, que primam pela utilização de recursos audiovisuais acessíveis de vários locais de forma ubíqua e móvel sem deixar de atentar para as metas de aprendizagem.

Referências

- ARAÚJO, Humberto Hermenegildo de; FERREIRA, José Luiz. **O semiárido na literatura – a água dá o tom**: sugestões de atividades de ensino. Natal: EDUFRN, 2013.
- ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Tradução de Pietro Nasseti. 10. ed. São Paulo: Martin Claret, 2001.
- BARTHES, R. **Aula**: aula inaugural da cadeira de semiologia literária do Colégio de França, pronunciada no dia 7 de janeiro de 1977; tradução e posfácio de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 2013.
- BENCHIMOL, Samuel. **Eretz Amazônia**. Os judeus na Amazônia. Manaus: Valer, 2008.
- CANDIDO, A. **A literatura e a formação do homem**. São Paulo: Ciência e Cultura, 1972.
- _____. “O direito à Literatura”. In: **Vários escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 1995.
- JAKOBSON, Roman. **Linguística e comunicação**. Tradução de Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 2003.
- JAUSS, H. R. O prazer estético e as Experiências Fundamentais da Poiesis, Aesthesis e Katharsis. In: LIMA, Luis (org.). **A literatura e o leitor** - textos de Estética da Recepção. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- KRISTEVA, J. Word, Dialogue and Novel. In: MOI, Toril (Org.). **The Kristeva Reader**. Nova Iorque: Columbia University Press, 1986. pp. 34-61.
- REZENDE, N. L. de. “O ensino de literatura e a leitura literária”. In: DAL-VI, M. A.; REZENDE, N. L. de; JOVER-FALEIROS, R. (orgs). **Leitura de literatura na escola**. São Paulo: Parábola, 2013.
- ROCHA, C. T.M.; AMADOR, F.S. O teletrabalho: conceituação e questões para análise. In: **Cadernos EBAPE** (FGV), v. 16, p. 152-162, 2018. Disponível em <https://www.scielo.br/pdf/cebape/v16n1/1679-3951-cebape-16-01-152.pdf>, acesso em 02 de junho de 2020.
- SILVA, B.D. Ecologias da Comunicação e Contextos Educacionais. In: **Revista Educação e Cultura Contemporânea**. 2. 10.5935/reeduc.v2i3.4792, 2005.
- TODOROV, T. **A Literatura em Perigo**. (Tradução de Caio Meira). Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.